



## NARRATIVAS DE PROFESSORES FORMADORES QUE ATUAM NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DO INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Josâne Geralda Barbosa**<sup>1</sup>

**Celi Espasandin Lopes**<sup>2</sup>

### Temática do Artigo: Formação de Professores que Ensinam Matemática

#### Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa de mestrado que teve por objetivo analisar os cursos de licenciatura em Matemática oferecidos pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Pretende discutir a obrigatoriedade de oferta da licenciatura pelos Institutos Federais, a formação acadêmica, a experiência profissional dos professores formadores que atuam nos cursos de licenciatura em Matemática do IFMG e alguns de seus desafios diários. Realizaram-se entrevistas narrativas com os professores formadores que atuam nesses cursos. Apesar dos problemas e desafios enfrentados, percebe-se na fala desses professores a satisfação com o trabalho desenvolvido e com os resultados alcançados.

**Palavras chaves:** Professor formador. Licenciatura em Matemática. Narrativas de professores. Instituto Federal. Instituto Federal de Minas Gerais.

#### 1. Introdução

Este artigo decorre de uma pesquisa de mestrado, que teve como objetivo perceber como o Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), em seus *campi* Formiga e São João Evangelista, tem se preparado para oferecer os cursos de Licenciatura em Matemática e como esses vêm acontecendo.

Discutimos a obrigatoriedade de oferta da licenciatura nos Institutos Federais e a conseqüente atuação dos professores nesses cursos. Além da sua formação acadêmica e experiência profissional, alguns de seus desafios diários serão apresentados através de suas narrativas.

Aliada à revisão bibliográfica, a pesquisa apoiou-se fundamentalmente nas narrativas dos professores formadores que lecionam nos cursos estudados. A opção pelas narrativas deu-se em razão da possibilidade de que os professores e as

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Cruzeiro do Sul. Instituto Federal de Minas Gerais – *Campus* Ouro Preto. josane.barbosa@ifmg.edu.br.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Cruzeiro do Sul e Docente do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo. celi.lobes@cruzeirosul.edu.br.

professoras falassem sobre si e sobre os cursos, refletissem sobre a sua atuação e se percebessem como agentes que conduzem a formação dos estudantes.

Concederam entrevistas para a pesquisa 16 professores que atuavam diretamente nos cursos de licenciatura em Matemática e o diretor de um dos *campi*. A metodologia de coleta e análise das entrevistas narrativas baseou-se nas considerações de Bolívar, Domingo e Fernádes (2001) e de Bertaux (2010). Eles as consideram como um tipo especial de discurso, que dá voz aos narradores, os quais contam com riqueza de detalhes uma experiência vivida, na maioria das vezes carregada de valores e emoções.

Segundo Bertaux (2010), entrevista narrativa é aquela em que o pesquisador pede a uma pessoa que lhe narre toda ou uma parte de uma experiência vivenciada. Para esse autor, narrar é o ato de contar ou relatar um episódio qualquer vivenciado pelo entrevistado. Envolve testemunhos de experiência vivida, dos quais fazem parte momentos de descrição, explicação e avaliação.

Assim foram concebidas as narrativas desta pesquisa, constituídas de forma a revelar a formação, a experiência profissional dos professores e o seu envolvimento com as licenciaturas em Matemática do IFMG. Cada professor envolvido no curso representa um indivíduo único, carregado de certezas, crenças, sentimentos e emoções próprias, que relata suas experiências, conta suas histórias pessoais e profissionais e nos diz quem é ou espera ser dentro do curso em que atua.

As análises das entrevistas narrativas são do tipo analítico e com reconstrução de sentido, de acordo com Bolívar (2001), para entender os símbolos e os significados que os professores apresentam em suas narrativas e, a partir daí, procurar explicá-los à luz de estudos teóricos e conceitos previamente definidos.

## **2. Contexto da pesquisa**

Dentre os 38 Institutos Federais (IF) criados em 2008 no Brasil, 5 estão localizados no estado de Minas Gerais: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Instituto Federal Sul de Minas Gerais, Instituto Federal Triângulo Mineiro e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Minas Gerais (IFMG). Este último foi o instituto escolhido para a realização da pesquisa que originou este artigo.

O IFMG é formado pela incorporação da Escola Agrotécnica Federal de São João Evangelista, dos Cefets de Ouro Preto e Bambuí e de suas Unidades de Ensino Descentralizadas (UNED) em Congonhas e Formiga, respectivamente. Além desses, atualmente o IFMG é composto por mais 13 *campi* recém-implantados ou em fase de implantação: Betim, Governador Valadares, Itabirito, Ouro Branco, Ribeirão das Neves, Sabará, Santa Luzia, Ipatinga, Arcos, Conselheiro Lafaiete, Piumhi, Ponte Nova e Reitoria, situada na capital do estado, Belo Horizonte.

Segundo informações do próprio instituto, neste momento o IFMG conta com aproximadamente 20 mil alunos matriculados em mais de 60 cursos, nos diversos níveis e modalidades de ensino, dentre eles: Formação Inicial e Continuada (FIC), Ensino Técnico de nível médio (integrado, subsequente e concomitante), Ensino Superior (Bacharelado, Licenciatura e Tecnologia) e Pós-Graduação (*lato e stricto sensu*). Dos 9 cursos de licenciatura destaca-se o de Matemática, oferecido nos *campi* Formiga e São João Evangelista. Ali trabalham os professores formadores sobre os quais o artigo se estenderá.

### **3. Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF)**

Segundo dados do Ministério da Educação (MEC) e da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), até o final de 2008 a rede federal de educação profissional contava com 36 Escolas Agrotécnicas Federais (EAF), 33 CEFET, 58 UNED, 32 Escolas Vinculadas às Universidades Federais (EV), 1 Universidade Tecnológica Federal e 1 Escola Técnica Federal (OTRANTO, 2010).

Os Institutos Federais foram criados pela agregação dessas diversas instituições profissionais: as agrotécnicas, os CEFET, as UNED e demais instituições foram reunidas e transformadas em *campi* do instituto, e uma Reitoria foi estabelecida, com a responsabilidade de gerir e administrar a instituição.

A lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que criou os IF, preconiza que essas instituições precisam ofertar 50% das vagas para cursos técnicos de nível médio, 20% para cursos de licenciatura e os demais 30% para cursos de engenharia, tecnólogos e bacharelados (BRASIL, 2008). Portanto, a partir dessa lei os IF são obrigados a oferecer cursos de licenciatura, e os professores que ali trabalham se veem com o desafio de formar docentes para atuar nas diversas escolas brasileiras.

Apesar da vasta experiência no ensino profissional técnico e tecnológico, a partir de então os IF também assumiram alguns outros desafios: compromisso com pesquisa, extensão e ensino; garantia do avanço das pesquisas em diversas áreas do conhecimento, enfatizando o campo da educação; promoção da interação entre essas diversas áreas; verticalização do ensino e organização multicâmpus (OLIVEIRA; BURNIER, 2013).

Essas instituições, que até então formavam profissionais para o mundo do trabalho, com o objetivo principal de atender às demandas empresariais, assumiram diversos níveis e modalidades de ensino. Mudaram-se os paradigmas político-pedagógicos quando a verticalização e a transversalidade passaram a integrar os institutos federais, tornando únicos e singulares o ensino, a pesquisa e a extensão presentes nessas instituições.

Apesar da longa experiência de alguns *campi*, essa estrutura de instituto era uma novidade à qual ainda não estavam acostumados. E somou-se às novidades enumeradas a formação de futuros professores que atuariam nas salas de aula, educando e formando cidadãos para comporem a sociedade que se almejava.

Portanto, a opção pela oferta das licenciaturas não apareceu por desejo ou habilidade dos IF, mas por uma imposição legal. E essa inquietação motivou fortemente a pesquisa que originou este artigo.

#### **4. Caracterização dos professores formadores**

Os 16 professores entrevistados trabalham em 2 cursos distintos que são oferecidos em duas cidades do estado de Minas Gerais, Formiga e São João Evangelista, distantes entre si aproximadamente 485Km.

O IFMG - *Campus* Formiga está localizado na cidade de Formiga/MG, que possui uma população de aproximadamente 65 mil habitantes e dista da usina de Furnas aproximadamente 125km. Iniciou suas atividades em março de 2007, com 3 cursos técnicos subsequentes. Atualmente oferece 3 cursos técnicos concomitantes: Administração, Eletrotécnica e Informática, além de 5 cursos de graduação: Administração, Ciência da Computação, Engenharia Elétrica, Tecnologia em Gestão Financeira e Licenciatura em Matemática.

A Escola de Iniciação Agrícola que deu origem ao *campus* São João Evangelista iniciou suas atividades em outubro de 1951, na cidade de São João Evangelista/MG. Esse município possui uma população de aproximadamente 16 mil

habitantes e está localizado na Bacia do Suaçuí, próximo aos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, região centro-nordeste do estado de Minas Gerais. Atualmente, o IFMG - *Campus* São João Evangelista oferece 3 cursos técnicos integrados ao Ensino Médio: Agropecuária, Manutenção e Suporte em Informática e Nutrição e Dietética; 3 cursos técnicos subsequentes ao Ensino Médio, ofertados a distância: Artesanato, Florestas e Reciclagem; e 4 cursos de nível superior: Agronomia, Licenciatura em Matemática, Engenharia Florestal e Sistemas de Informação.

#### **4.1 Os professores que atuam no *campus* Formiga**

Dos professores entrevistados que atuam no curso de licenciatura em Matemática do *campus* Formiga, a maioria é graduada em Matemática: seis licenciados e um bacharel, além de uma professora que é bacharel em Física. Estes oito professores apresentam formações em pós-graduação variadas: especializações em Matemática, Educação Matemática, Informática em Educação e Controladoria Financeira; mestrados em Física, Matemática, Educação Matemática e Modelagem Matemática e Computacional; doutorados em Educação e em Física e doutorado em andamento em Engenharia Mecânica.

Os professores entrevistados são um especialista, três mestres, duas doutoras e dois doutorandos, todos eles com experiência como docentes no Ensino Superior, anteriormente ao IFMG. Cinco deles já trabalharam na Educação Básica e dois em cursinho pré-vestibular.

Alguns relataram ser importante que o professor formador tenha trabalhado na Educação Básica, pois acreditam que ter atuado em salas de aula do Ensino Fundamental ou Médio lhes garanta segurança nas atitudes em sala de aula e nas orientações aos licenciandos.

*Eu acho que faz toda a diferença quando um professor que está dando aula num curso de licenciatura já foi ou é professor. Porque você sente de perto quais são as maiores dificuldades que a gente tem. Principalmente indisciplina, essa questão de pais dentro da escola, as dificuldades dos alunos, que cada vez estão menos motivados ... E onde eu aprendi isso? Aprendi dando aula. Eu acho que é muito importante o professor que está aqui ter já lecionado no curso regular. (Entrevista narrativa, P1, 2016)*

Sobre suas primeiras experiências docentes, uma outra professora comentou:

*Eu estava no primeiro período da faculdade ... Eu reproduzia as ações dos meus professores dentro da sala de aula. Só que eu não tinha capacidade de realmente pensar se aquilo era bom para o meu aluno ou não ... eu já*

*cometi muito erro. Assim de pegar listas de exercícios gigantes de equação igualzinha ... foi uma época em que eu sofri demais ... eu sofria de ver os meninos naquela situação de vulnerabilidade, de não conseguir dar aula, não manter a disciplina na turma ... foi uma fase de muito sofrimento, mas de muito ganho, porque eu aprendi muito, mas muito mesmo. (Entrevista narrativa, P2, 2016)*

Sobre o início do curso de licenciatura em Matemática do IFMG – *Campus Formiga*, os professores relatam que o corpo docente começou suas atividades com três professores, sem projeto pedagógico, com processo seletivo concluído e turma matriculada. E esse foi um desafio muito grande aos professores.

*Eles assumiram em agosto, já com o vestibular feito e o curso não tinha projeto pedagógico. Não tinha matriz curricular, não tinha absolutamente nada. Então eles tiveram duas semanas para criar um projeto pedagógico e iniciar as aulas. Eles tinham três professores: um da área da Educação Matemática ... dois matemáticos puros ... eles criaram um projeto também, que seria rediscutido depois, com disciplinas que eles tinham condições de lecionar no primeiro semestre. (Entrevista narrativa, P3, 2016)*

Os professores relatam que aconteceram muitas entradas e saídas de docentes no início do curso, e isso dificultava os arranjos necessários. No terceiro período da primeira turma (ou seja, um ano depois de iniciado o curso) saíram dois professores, e o quadro docente ficou apenas com os outros dois. Foram muitas negociações para que duas novas vagas fossem disponibilizadas e dois professores fossem contratados. A constituição do quadro docente, até atingir uma quantidade mínima de professores necessária, e a constante entrada e saída de professores foram problemas que acompanharam o curso por muito tempo.

*As cinco primeiras turmas são cinco matrizes diferentes ... à medida que iam chegando professores, iam ofertando as disciplinas que os professores iam dar. E ficava aquela mudança a todo semestre, ajustando a matriz de acordo com os professores que chegavam. (Entrevista narrativa, P4, 2016)*

*Nós sofremos demais com a questão de que a licenciatura não é prioridade no instituto. Nós sofremos demais com algumas posições assumidas ... Então, eu acho que a gente acabou meio que ficando sem uma identidade. (Entrevista narrativa, P3, 2016)*

Apesar de um processo de implantação difícil, com o tempo o corpo docente foi sendo formado, os problemas sendo solucionados e a matriz se constituindo de forma a atender às necessidades do curso. E isso trouxe mais qualidade ao curso e satisfação aos professores formadores que nele atuam.

*Hoje eu não vejo problema no funcionamento do curso. As coisas estão muito bem encaminhadas ... Eu acho que o nosso corpo docente é muito bacana. Os professores gostam de estar aqui e se dão bem uns com os outros. (Entrevista narrativa, P4, 2016).*

E, finalmente, percebe-se uma satisfação muito grande dos professores formadores, ao falarem do progresso de seus estudantes.

*Ele vem com pouca bagagem. Mas ele cresce ao longo do curso. Quando ele chega ao final do curso ele tem um bom preparo para ser professor .... Nós temos conseguido colocar muitos de nossos alunos em cursos de especialização, de mestrado .... já tem alguns no doutorado em Belo Horizonte .... O IFMG ainda não tem nome. Mas eles já estão aceitando nossos alunos ... estão recebendo esses alunos de braços bem abertos, sabe? Acho que isso significa que eles estão reconhecendo a qualidade do curso. (Entrevista narrativa, P7, 2016)*

#### **4.2 Os professores que atuam no *campus* São João Evangelista**

Dos professores entrevistados que atuam no curso, oito são licenciados em Matemática e um, em Pedagogia. Quatro são mestres em Matemática; três, mestres em Educação; e dois, doutorandos em Educação. As especializações dos professores são variadas: Docência no Ensino Superior, Informática em Educação, Matemática Financeira e Estatística, Educação Matemática Superior, Ensino de Matemática, Formação de Criminólogos, Práticas Educativas: Inclusão de pessoas com deficiência, Gênero, Diversidade e Educação e Educação Matemática.

Quanto à presença de pedagogo no quadro de docentes, uma professora comentou

*não tem como ter um curso de licenciatura sem um pedagogo, não! ... A gente não tinha um pedagogo aqui e a gente tinha que dar conta de Psicologia da Educação, Filosofia da Educação, Didática... Antropologia ... A gente pode até dar essas disciplinas, mas não é a mesma coisa. (Entrevista narrativa, P5, 2016)*

A professora pedagoga, recentemente contratada para lecionar no curso, muito aguardada por todos os demais professores, também acredita na importância de um profissional da educação no quadro de docente dos cursos de licenciatura. Ela elencou algumas considerações sobre a necessidade de um profissional específico da Educação:

*Eu penso que todo professor precisa desses fundamentos da Educação, pra conhecer como a História da Educação Brasileira aconteceu e como ela vem acontecendo há muitos anos. Como a Psicologia contribui no conhecimento do desenvolvimento da aprendizagem do nosso aluno. A Antropologia é importantíssima pra gente compreender as culturas, compreender a diversidade. Como que as políticas públicas para a Educação contribuem para nós entendermos a inserção da diversidade na educação. Como atender essa diversidade e como compreender a inclusão, a legislação que está posta. (Entrevista narrativa, P6, 2016)*

O início do curso no *campus* São João Evangelista requereu também a contratação de novos professores. Houve um concurso público antes do início do curso, e alguns professores aprovados passaram a constituir o corpo docente do curso de licenciatura em Matemática desse *campus*.

Entretanto, o primeiro projeto pedagógico do curso não foi elaborado por estes professores que iniciaram o curso, o que gerou problemas vários, que envolveram desde questões de ideologias ou afinidades até de interpretação das propostas do projeto. Com o tempo, os professores do curso reformularam o projeto, baseados numa concepção de formação de professores para atuação na Educação Básica.

*No contexto do país, até por volta dos anos 2000, tínhamos uma concepção de formação de professores mais bacharelesca, que é o famoso 3 + 1, que a gente chama. Então nós tínhamos um desejo, de certa forma, de fazer algo diferente, de romper com este pensamento cartesiano para a formação do professor. E nós tivemos várias ações no sentido de repensar o projeto de curso ... nós começamos a pensar em algumas formas de formar aqueles professores de acordo com as demandas da Educação Básica, com as novas tendências da Educação Matemática, entendendo o professor como um sujeito histórico, cultural e que vai atuar numa Educação Básica fragilizada, com diferentes demandas. (Entrevista narrativa, P9, 2016)*

Os professores apresentam experiência na Educação Básica, na Educação Superior, em tutoria de cursos de especialização ofertados na modalidade a distância e em cursinho pré-vestibular.

Segundo a narrativa de uma professora, a experiência na Educação Básica é importante para algumas disciplinas da licenciatura:

*Todos nós iniciamos nossa carreira lá na Educação Básica e trouxemos isso pra cá, pro Ensino Superior ... talvez seja um ponto muito positivo para contribuir com a formação de nossos alunos. Porque a gente tem conhecimento de causa” (Entrevista narrativa, P8, 2016).*

Outra professora também apresenta na sua narrativa essa mesma concepção:

*Eu entendo que essa caminhada, ao longo dessas etapas da Educação, faz com que a gente tenha um olhar diferenciado sobre a graduação. Nós sabemos o que nós queremos formar e o que nós precisamos de formar nos alunos. Eu penso isso. (risos) Porque a gente viu a defasagem do aluno saindo dos anos iniciais, chegando no segundo ciclo, no terceiro ciclo, no Ensino Médio, na graduação, o que que nós precisaríamos de voltar, se a gente tivesse tempo, e formar neles novamente. Então, eu penso que, a partir dessa visão que nós temos de todas essas etapas, a gente sabe o que formar nesses meninos. O que trabalhar com eles para que eles sejam um professor mais completo do que nós já fomos um dia. (Entrevista narrativa, P6, 2016)*

Ressaltaram, ainda, que o fato de o curso ser noturno trouxe muitos desafios ao corpo docente à época da implantação. Diversos setores, como secretaria, gestão de pessoas, setor de estágio e financeiro não funcionavam à noite. E muitas dessas dificuldades ainda persistem. Outro desafio que os professores enfrentam é o reduzido quadro de docentes e a alta carga horária de trabalho do professor formador.

*A gente está tendo problemas de muita falta de professor aqui no campus. A gente está com um déficit muito grande. A área de Matemática está com uma carga horária muito grande. Por exemplo, nesse semestre eu estou com 24 aulas! 24 aulas, um projeto de extensão, um projeto de iniciação científica, coordenação do PIBID e todo mundo está mais ou menos igual. (Entrevista narrativa, P10, 2016)*

Segundo relatos dos professores, há um forte interesse do corpo docente em pesquisas, participação em projetos (BIBID, PRODOCENCIA, RENAFOR), eventos e divulgação científica. Os trabalhos dos professores e dos estudantes são compartilhados com a comunidade acadêmica em diversos eventos. Esse envolvimento com pesquisas, projetos, eventos acadêmicos, aliado à organização curricular, pode contribuir para a boa taxa de conclusão do curso – em torno de 60% – apontada pelos professores e também pelo acolhimento a esses egressos pelas redes municipal, estadual, federal e particular de ensino.

## **5. Considerações finais**

É importante ressaltar que os institutos federais são instituições com experiência e tradição nos ensinos técnico e tecnológico. Assim como diversos autores (BONFIM, 2003; LIMA; SILVA, 2011; OLIVEIRA; BURNIER, 2010), alguns professores entrevistados também comentam sobre essa natureza dos IF. A formação inicial de professores é recente nestas instituições: os cursos de Licenciatura em Matemática ofertados pelo IFMG foram criados há aproximadamente oito anos, e todos os professores entrevistados começaram a trabalhar no IFMG após a criação do curso em que atuam. Nas narrativas dos professores, fica evidente o entendimento que eles têm de que os cursos foram criados para atender à exigência de criação dos institutos presente na lei.

Atualmente os Institutos Federais têm contratado professores com titulações mais elevadas e investido fortemente nas políticas de capacitação do quadro de servidores, o que tem favorecido a qualificação dos docentes que já atuam nessas

instituições. Dos professores entrevistados, todos os efetivos no cargo possuem titulação de mestrado e alguns, de doutorado; outros estão em fase de conclusão da pós-graduação e os demais almejam iniciá-la em breve. As vivências profissionais dos professores são bem variadas, e, na maioria dos casos, eles contam com boa experiência na Educação Básica e/ou no Ensino Superior.

O IFMG tem investido na capacitação dos professores para atuarem nos cursos de licenciatura, pois compor um quadro de professores com formação e boa distribuição de carga horária ainda é um desafio que se percebe dentro da instituição. Assim também, a constituição de uma estrutura adequada ainda é uma pendência que o IFMG precisa solucionar.

Apesar de Lima e Silva (2011) apontarem a verticalização presente nos IF como uma vantagem para a formação de professores, já que a estrutura física disponível e a sua atuação na Educação Básica e Superior possibilitam o compartilhamento de espaços de aprendizagem interessantes e dão condições para a efetivação de pesquisas. As narrativas dos professores revelam que a estrutura física disponível não atende às necessidades dos cursos, e a melhoria dessa infraestrutura depende de recursos advindos de projetos. Além disso, a carga horária dos professores é ampliada por sua atuação concomitante nas disciplinas da Educação Básica e Superior do IFMG.

As atividades de pesquisa e extensão também têm sido incentivadas nos IF, por serem consideradas práticas essenciais do trabalho docente. Portanto, os professores têm atuado nas três frentes: ensino, pesquisa e extensão, embora não tenha sido fácil conseguir apoio financeiro para realizar pesquisas ou ofertar cursos de extensão. A maioria dos docentes entrevistados relata que os projetos apresentados à instituição não são aprovados dentro da verba prevista nos editais, o que os leva a trabalhar nessas frentes sem os recursos financeiros necessários e a sentir-se pouco valorizados dentro do IFMG.

Portanto, muitas questões envolvendo esses professores dentro dos institutos federais constituem problemas de pesquisa dos quais educadores matemáticos podem se ocupar. A carreira, o trabalho, a formação, a satisfação profissional e os ambientes de trabalho podem ser discutidos, e os resultados dessa discussão contribuirão para a melhoria das licenciaturas e da carreira docente dentro dos institutos federais.

## 6. Referências

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. São Paulo: Paulus, 2010.

BOLIVAR, Antônio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDES, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación**: enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

BONFIM, Maria Inês (Coord.). **A formação docente nos centros federais de educação tecnológica**: diagnóstico sobre a oferta das licenciaturas nos CEFETs. Brasília: MEC/SETEC, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a rede federal de educação profissional, científica e tecnológica, cria os institutos federais de educação, ciência e tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm)>. Acesso em: 22 out. 2015.

LIMA, Fernanda Bartoly Gonçalves de; SILVA, Katia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. As licenciaturas nos institutos federais: concepções e pressupostos. In: ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 18 a 20 de maio de 2011, Goiânia. **Anais Eletrônicos...** Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/didatica/co/40-164-2-SP.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales; BURNIER, Suzana. Perfil das licenciaturas nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia. In: CUNHA, Deisy Moreira et al. (Org.). **Formação/profissionalização de professores e formação profissional e tecnológica**: fundamentos e reflexões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013. p.145-166.

OTRANTO, Celia Regina. Criação e implantação dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia – IF. **Revista RETTA** – PPGEA/UFRRJ, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 89-110, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.celia.na-web.net/pasta1/trabalho19.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2016.